



# O HORIZONTE UTÓPICO NOS IMAGINÁRIOS URBANOS:

do Patrimônio das Frutas à Cidade das Águas

LUCIA ELENA PEREIRA FRANCO BRITO\*

**RESUMO** O artigo discute o horizonte utópico nos imaginários urbanos, tomando como objeto de reflexão a história recente da cidade de Frutal. No início dos anos 2010, o município situado no Triângulo Mineiro viveu a promessa, não concretizada, de que se tornaria referência mundial em pesquisas sobre preservação ambiental e gestão da água, graças à implementação da Cidade das Águas – um projeto monumental idealizado pelas elites políticas estaduais e locais. O estudo parte da premissa de que todas as cidades podem ser tomadas na dimensão da utopia, porém, na experiência contemporânea, a promessa da urbe como espaço de convivência politizada se depara com projetos pretensamente visionários, que reduzem as cidades à mercadoria e os cidadãos a meros consumidores dos dramas urbanos.

**PALAVRAS-CHAVE** Utopia. Imaginários Urbanos. Cidades.

## THE UTOPIAN HORIZON IN THE URBAN IMAGERY: from the fruit wealth to the City of Waters

**ABSTRACT** This paper discusses the utopian horizon in the urban imagery taking the recent history of the town of Frutal as an object of reflection. In the early years of the 2010 decade, the town located in the western region of the State of Minas Gerais lived an unfulfilled promise: it would become a world reference in research on environmental preservation and water management thanks to the implementation of the City of Waters – a monumental project conceived by state and local political elites. This study assumes that any city may be raised to utopian dimensions, however, as nowadays experienced, promises of the urbe as a politicized living space face supposedly visionary projects, which reduce the cities to goods and the citizens to mere consumers of the urban dramas.

**KEYWORDS** Utopia. Urban imagery. Cities.

\* Doutoranda em História, no Programa de Pós-graduação do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacy Alves Seixas. E-mail: luciaelenaafb@gmail.com.



## (In)visibilidades urbanas

**A**o conduzir o leitor pelo universo misterioso das cidades, Ítalo Calvino, na obra *Cidades Invisíveis*, traça percursos inspiradores pelos imaginários urbanos. De modo sensível, sua narrativa possibilita que alguns segredos das cidades sejam sutilmente descortinados; outros são apenas sugeridos; muitos, apesar de instigantes, permanecem indecifráveis. Transitando por uma geografia fantástica, o viajante Marco Polo descreve para Kublai Khan – neto e herdeiro de Gengis Khan – cinquenta e cinco cidades do imenso império mongol, todas com nomes femininos. Embora apresentadas de forma embaralhada, elas são distribuídas em onze grupos diferentes: as cidades delgadas; contínuas; ocultas; mais as cidades e... a memória; o desejo; os símbolos; as trocas; os olhos; o nome; os mortos; o céu. Para Evandro Ziggiatti Monteiro, “em meio a tantas dimensões imperfeitas – e horripilantes – do urbano, as cidades e o céu trazem o fascínio do novo, das reformas e das ideias que se apresentam como eternamente belas – até que a realidade e o tempo as gastem [...]” (2009, s/p).<sup>1</sup> Juntamente com *Eudóxia*, *Bersabeia*, *Perínzia* e *Ándria*, *Tecla* integra o grupo *as cidades e o céu*:

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas [...]. À pergunta: Por que a construção de Tecla prolonga-se por tanto tempo?, os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro [...] respondem: – Para que não comece a destruição. [...] – Qual é o sentido de tanta construção? – pergunta. [...] Onde está o plano que vocês seguem, o projeto? – Mostraremos, assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos – respondem. O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada. – Eis o projeto – dizem.

Fascinantes e ambíguas, as cidades, para além do imediatamente visível, revelam-se feitas também de matérias não manipuláveis, rebeldes, caprichosas (MONTEIRO, 2009). Como *Tecla*, algumas delas se erguem do chão, olhando para o céu. No escrito

<sup>1</sup> O autor ressalta ainda que, entre as possíveis lições extraídas das imagens fantásticas criadas por Calvino, destaca-se o fato de que as configurações tecidas “servem a todas e a uma única cidade ao mesmo tempo, sem que por isso não deixem de servir como elementos diferenciadores que tornam, paradoxalmente, cada cidade, única”. Cf. MONTEIRO, Evandro Ziggiatti. *Cidades invisíveis visitadas. Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. Vitruvius. Ano 8, jan. 2009. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas>. Acesso em: 02 mar. 2017. Ver também CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2011.*

de Calvino, quando o viajante chega à cidade, encontra os habitantes ocupados com sua construção ininterrupta – construção que nunca pode parar, sob o risco de que a cidade comece a desmoronar e, junto com ela, também se desfaçam seus moradores – os construtores da cidade. Somente quando cessa a jornada, e a noite estrelada – a cidade espelhada? – cai sobre os canteiros de obras, param os homens para responder à pergunta do visitante: *qual o sentido de tanta construção? Qual é o plano que vocês seguem?* Com os olhos postos no infinito, o que lhes cabe nem é falar, mas, à moda do artista, apenas mostrar a cidade semeada: *eis o projeto* (CALVINO, 1990, p. 117).

Do mesmo modo que a Tecla de Calvino ou a Altamira de *Bye Bye Brasil*, terra preciosa com dinheiro para todo mundo<sup>2</sup>, as cidades, em todo tempo e lugar, fomentam e corporificam sonhos. Como afirma Sergio Paulo Rouanet, ao transitar pela Paris do início do século XX, conduzido pelo arguto olhar de Walter Benjamin, “o homem habita uma cidade real e é habitado por uma cidade de sonho” (ROUANET, 1992, p. 67). Todavia, tecidos por ambivalências, os sonhos – nada neutros – transmutam-se ao longo do tempo e conforme as mudanças do lugar; algumas vezes, inclusive, apoderam-se das cidades e fazem delas realidades delirantes.

Se o personagem de Ítalo Calvino, no início da década de 2010, tivesse feito uma visita a Frutal, cidade localizada no interior de Minas Gerais, e caminhado por suas ruas, observando casas e praças, o que teria percebido sobre a história do lugar? Certamente o visitante enfrentaria dificuldades para encontrar pistas visíveis de sua história. Naquele momento, ao estilo da Tecla de Calvino, a cidade de aproximadamente 60 mil habitantes assumia feições de um movimentado canteiro de obras, em face da euforia decorrente de um projeto de modernização urbana, cujo ponto culminante seria a construção de um grandioso complexo destinado à pesquisa e preservação dos recursos hídricos, intitulado *Cidade das Águas*. Diante da reestruturação em andamento, talvez o viajante, entre surpreso e desconcertado, viesse a indagar: *qual é o sentido de tanta construção? Onde está o plano que vocês seguem? Que sonhos se escondem atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas erguidos no interior e no entorno de Frutal?*

Toda cidade é representada por traços particulares de identidade perante outras. Por meio das ações e representações das elites políticas estaduais e locais, Frutal via-se diante da promessa de corporificar a utopia da *cidade sustentável*. Sua formação original

<sup>2</sup> Cenário importante do filme *Bye Bye Brasil* (1979), dirigido por Cacá Diegues, Altamira, no Pará, vivia, há mais de trinta anos, a promessa de desenvolvimento e futuro promissor em razão da construção da rodovia Transamazônica. Na história recente, ganhou evidência por conta das polêmicas sobre a Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Para além dos projetos grandiosos que permeiam sua história, Altamira, com cerca de 110 mil habitantes, enfrenta hoje os problemas comuns a tantos outros municípios do interior do Brasil. Cf. ALTAMIRA e a usina da discórdia. Caminhos do Brasil. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/caminhos-do-brasil-caravana-g1/altamira/platb/>. Acesso em: 15 mar. 2017.

remonta a meados do século XIX, quando recebeu o nome de *Nossa Senhora do Carmo de Frutal*, por conta da abundância de frutas existentes no território em que foram edificadas as primeiras casas do arraial. O antigo *Patrimônio das Frutas* agora seria convertido em *Cidade das Águas*. Na solenidade de lançamento do projeto, assinado pelo arquiteto e urbanista Jaime Lerner, o Secretário da Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, idealizador da proposta, afirmou:

A Cidade das Águas – mostra a equipe Lerner – é toda Frutal. [...] através da absorção e da aplicação das recomendações que constam no projeto, Frutal será uma cidade exemplo em meio ambiente, com qualidade de vida para toda população.

3 *De princesa do Atlântico à capital brasileira do petróleo*, o município de Macaé enfrenta hoje problemas decorrentes da queda do preço do petróleo no mercado internacional. Ver: Como a crise afeta Macaé, a capital brasileira do petróleo. Globo News – Fernando Gabeira. 15 mar. 2015. [Arquivo de vídeo]. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/fernando-gabeira/videos/v/gabeira-como-a-crise-afeta-macaé-a-capital-brasileira-do-petroleo/4037224/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

4 LINGERIE tira mulheres do campo e faz polo virar realidade em Juruáia. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/09/de-aposta-realidade-mulheres-comandam-crescimento-em-juruáia.html>. Acesso em: 17 mar. 2017. E ainda: A Cidade que enriqueceu com calcinhas. *Revista Época*, 2009. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/ca/o,,EMI107267-15259,00+A+CIDADE+QUE+ENRIQUECE+U+COM+CALCINHAS.html>. Acesso em: 20 mar. 2017

O filósofo Henri-Pierre Jeudy, ao refletir sobre o aspecto simbólico das intervenções urbanas, enfatizara: “idealmente, o canteiro, tal como a elaboração de um projeto, seria a demonstração pública do ato de pensar o devir da cidade” (JEUDY, 2012, p. 19). Assim, ao projetar uma nova identificação, Frutal parecia se tornar única. Essa unicidade seria, inclusive, o passaporte para conquistar a visibilidade nacional e internacional. De acordo com o que se enunciava, a cidade não apenas ganhava uma identidade singularizadora, como também iniciava *um novo tempo* em sua história. Mas em que medida isso seria possível em face de sua trajetória histórica e do que indicam os estudos sobre cidades no Brasil contemporâneo? Que condições, objetivas e subjetivas, Frutal apresentou para ser a cidade escolhida para implantar o mencionado projeto? Além da chamada “crise hídrica”, haveria fios mais sutis a entretecer a idealização de uma urbe sustentável por intermédio da edificação da Cidade das Águas?

Território de interesses e paixões, não somente Frutal, mas *as cidades* – em suas diferentes formas e escalas – têm-se revelado, ao longo da história, um terreno fecundo para a germinação de diferentes idealizações. De Altamira, no Pará, passando por Macaé (RJ), a decadente *capital brasileira do petróleo*<sup>3</sup>, até a pequena cidade mineira de nome Juruáia, que se deslocou da produção cafeeira para a condição de *capital da moda íntima*<sup>4</sup>, todas se mostram cenários providenciais para planejadores e utopistas de diversos perfis. Diante disso, o presente artigo tem o objetivo de apresentar uma discussão sobre os conceitos de *utopia*, *distopia* e *atopia* na análise dos projetos de cidades pequenas com histórico de identidades inventadas, como é o caso de Frutal. Esses conceitos são tomados aqui como fortemente elucidativos para se interpelar as relações de sentido que configuram os imaginários urbanos no Brasil contemporâneo.

## O espaço do devir: entre cidades vividas e sonhadas

Lugar da perfeição e harmonia, alguns pensadores consideram que cidades utópicas foram idealizadas antes do aparecimento do termo que as define. Para Lewis Mumford (1998), por exemplo, em *A República*, Platão (427-347 a.C.) delinear uma cidade ideal. Ao estudar os gregos e a utopia, Rosanna Lauriola afirma:

Em Hesíodo também podemos encontrar – muito antes que em Platão – o arquétipo do que mais tarde se tornaria a raiz, por assim dizer, da utopia moderna e do pensamento utópico em termos da teorização da perfeita construção política. Em [uma] passagem de seu *Os trabalhos e os dias*, enquanto explica os benefícios de se respeitar a Justiça (*Dike*) e de se evitar a Raiva/Violência (*Hybris*), Hesíodo compara duas cidades: uma governada pela *Hybris* – isto é, uma equivalência da condição do seu tempo presente – e uma cidade governada pela *Dike*, que era algo que Hesíodo esperava e que, de uma certa forma, propunha como um modelo da cidade-estado ideal. [...] Os gregos antigos não tinham então um conceito consciente de utopia [...]. No entanto, desde Hesíodo, as duas características fundamentais do conceito moderno de utopia podem ser identificadas, ou seja: (1) o ideal de uma vida perfeita e abençoada, imune a todos os problemas e cheia de todos os tipos de bens, combinados com (2) o ideal de um estado perfeito, onde a justiça e a paz predominam (LAURIOLA, 2009, p. 93-94).

A palavra *utopia*, apesar de empregada com sentidos variantes na era moderna, rigorosamente designa projeto de *vida feliz* para os homens *nas cidades*. Apareceu em 1516, como título do livro do humanista inglês Thomas Morus (1478-1535). Na obra, dividida em duas partes, Morus – “o fundador das ilusões modernas”, conforme expressão de Emile Cioran (2011) – procura desenvolver um tratado para uma forma de governo melhor. Para tanto, principia por uma severa crítica à sociedade, abordando a crueldade e avidez dos monarcas, a miséria e injustiça sofrida pelos camponeses, o cenário de perseguições religiosas, entre outras mazelas de seu tempo. Embora o alvo preferencial de suas críticas fosse a Inglaterra, elas se estendem às práticas políticas dos governantes de outros países. Na segunda parte do livro, o autor apresenta, em minúcias, a sociedade ideal, composta de cinquenta e quatro cidades construídas numa ilha denominada *Utopia* – uma derivação de *Utopus*, nome de seu conquistador e construtor. Na ilha imaginária, a sociedade é criteriosamente regulada; os utopianos

vivem em harmonia, com tolerância e justiça. Todos trabalham pelo bem comum, falam a mesma língua e são regidos pelas mesmas leis, em um espaço urbano delineado, na expressão crítica de Mumford (1998), pela mesmice, monotonia e padronização. *Cidade do Sol*, do italiano Tommaso Campanella (1568-1639), publicada em 1602, é também uma referência da literatura utópica do período renascentista. Nela, a cidade é uma criação racional, extremamente ordenada, com cada coisa em seu lugar.

Ao vocábulo criado por Morus, comumente, é associado o sentido de *não lugar* ou *lugar nenhum*. Mas *utopia* expressa muito mais do que isso, pois se trata de um neologismo que traduz as (im)possibilidades de existência de um lugar. Conforme assinala Vivian Bernardes Margutti,

A palavra *utopia* é um neologismo do grego, sendo formada por derivação: o nome *topos* é anteposto pelo prefixo de negação *u*, e posposto pelo sufixo nominal *ia*. Em inglês, o termo *utopia* é homófono do termo *eutopia*, que significa um *lugar bom, feliz e perfeito*. As duas palavras não são sinônimas, mas, de alguma forma, uma contém a outra, já que ambas podem ser caracterizadas por referência a um lugar imaginário e melhor, quando comparado ao mundo histórico (MARGUTTI, 2010, p. 71).

Para a autora, no livro de Morus, esse lugar se torna possível como “espaço literário, por ser algo imaginado, que adquire alguma forma de materialidade por meio da linguagem escrita” (MARGUTTI, 2010, p. 71). Leandro de Sousa Cruz considera que, desde a obra de Morus, configurou-se uma espécie de “imaginário utópico, [que] exerce influência também sobre o pensamento político, urbanístico, sobre os muitos tratados dos chamados ‘socialistas utópicos’ no século XIX” (CRUZ, 2013, p. 18-19). Embora a ideia de utopia remeta a representações diversas, entrecruzando diferentes áreas do saber, sua concepção comunica fortemente o desejo de mudança. Paul Ricoeur, ao comentar a obra de Morus, afirma que se trata da abertura do viver para o “campo do possível” (RICOEUR, 1991). Marilena Chauí ressalta que a utopia

É um discurso cujas fronteiras são móveis, ou seja, utopia pode ser literária, arquitetônica, religiosa, política. Eis por que se pode falar em política utópica, arte utópica, ciência utópica, filosofia utópica, religião utópica. O fundamental, porém, é que esse discurso não é um programa de ação, mas um exercício de imaginação (CHAUÍ, 2008, p. 8).

A força do termo parece residir, então, nos possíveis que se abrem à história, por meio da *busca de um outro lugar*. Ainda que inalcançável, esse *espaço do devir* inspira o lan-

çar-se adiante, individual e coletivo, rumo a um futuro melhor – que pode ser projetado em uma nova sociedade, na forma de um bom governo ou, ainda, em uma cidade ideal<sup>5</sup>.

No ano de 1922, Mumford publicou o livro intitulado *História das Utopias*, em que aborda desde as utopias gregas até o pensamento utópico do século XIX. Também para ele, a utopia não é algo simplesmente quimérico, justamente porque o pensamento ou os motivos utópicos impulsionam a ação: “o homem caminha com seus pés sobre o chão e sua cabeça no ar [...]. São as nossas utopias que tornam o mundo tolerável para nós: as cidades e mansões com as quais as pessoas sonham são aquelas em que elas finalmente vivem” (MUMFORD, 2008, *apud* MARGUTTI, 2010, p. 72). A percepção de Mumford parece reiterada por Cioran, ao analisar os mecanismos da utopia: “só agimos sob a fascinação do impossível; isto significa que uma sociedade incapaz de gerar uma utopia e de consagrar-se a ela está ameaçada de esclerose e ruína” (2011, p. 90).

As utopias são classificadas por Mumford em dois tipos: *utopia de fuga ou escape* e *utopia de reconstrução*. A primeira se prestaria apenas a uma compensação passageira para os problemas que assolam o cotidiano; a segunda representa a possibilidade de intervenções no mundo externo, por meio das quais mudanças concretas seriam insti-tuídas. Mumford compara os dois tipos:

Em um construímos castelos impossíveis no ar; no outro, consultamos um agrimensor, um arquiteto e um pedreiro, e construímos uma casa que satisfaça às nossas necessidades essenciais; do modo pelo qual casas feitas de pedra e argamassa são capazes de satisfazê-las (MUMFORD, 2008, *apud* MARGUTTI, 2010 p. 72).

Para Lauriola, os dois tipos de utopia partem de uma realidade insatisfatória, porém a *utopia de escape* não intenciona modificar a realidade, sendo, por isso mesmo, “sem propósito, uma ‘casa de refúgio’ para a qual se pode fugir quando as coisas ficam muito complicadas para se viver” (LAURIOLA, 2009, p. 95). A de *reconstrução*, por seu turno,

[...] é uma utopia com propósito; ela tenta dar a condição para o escape da realidade no futuro, ao procurar mudar o mundo atual, ou reconstruí-lo. A reconstrução se faria não somente no ambiente material e físico (instituições, sistema sociopolítico, etc.), mas – e principalmente – nas atitudes mentais dos seres que habitam este mundo, o que significa a criação de um novo conjunto de hábitos e valores, diferentes redes de relações, e assim por diante (LAURIOLA, 2009, p. 95).

<sup>5</sup> Comentando as características das cidades utópicas relacionadas por Patrice de Moncan, na obra *As cidades sonhadas*, Barbara Freitag afirma que “ao lembrar utopias como Atlântida, Utopia, o Falanstério e até mesmo Brasília, o autor destaca como primeira característica o *isolamento*. A maior parte das utopias [...] eram situadas em *ilhas distantes*, desconhecidas, não identificáveis. Seus idealizadores fixavam-lhes um *tamanho ideal*: o Falanstério de Charles Fourier poderia ter até 3.000 habitantes, a ‘cidade-jardim’ de Ebenezer Howard estava prevista para 30.000 pessoas, Brasília foi planejada por Lúcio Costa para meio milhão de habitantes e a ‘ville radieuse’ de Le Corbusier teria como tamanho ideal 3 milhões de moradores. De preferência as cidades utópicas deveriam ser construídas em terreno plano, sem relevo, para que a cidade pudesse expandir-se. As ruas e os prédios deveriam privilegiar o *ângulo e a linha reta*. Muitos utopistas urbanos defendiam a tolerância religiosa e filosófica em ‘suas’ cidades e condenavam a *propriedade privada* [...]. Como valor supremo busca-se encontrar *a cidade justa, harmoniosa, ordenada*” (FREITAG, 2002, p. 3-4. Grifos da autora).



As cidades idealizadas, evidentemente, seriam utopias de reconstrução, lugares racionalizados precisamente como modelos do viver, o que implica a organização do espaço físico e, sobretudo, o estabelecimento de regras de comportamento para os viventes do lugar planejado. E isso não é um mero detalhe, porque revela a forte relação das idealizações com o poder. Para alcançar a cidade ideal, “são *propostas medidas pedagógicas* para educar seus moradores como cidadãos esclarecidos, envolvidos com o trabalho e a paz” (FREITAG, 2002, p. 4, grifos da autora). Ou – por que não? – envolvidos com a preservação do meio ambiente e com a gestão adequada da água.

Margutti, ao analisar as relações entre história e literatura, lembra que *utopia* e *distopia* são, por um lado, palavras cujos sentidos se opõem; por outro, são termos que apresentam alguma proximidade, pois ambos “criam um cenário imaginário com o intuito de criticar a ordem das coisas” (2010, p. 78). A autora afirma que, a partir do século XIX, em decorrência dos problemas sociais gerados pelo sistema capitalista, a produção literária de caráter distópico tornou-se significativa. Relembrando obras como *O processo*, de Franz Kafka, e *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, Margutti ressalta:

Enquanto a literatura utópica cria um mundo imaginário e ideal a partir de referências retiradas do próprio contexto histórico no qual se insere, a literatura distópica faz surgir um mundo que traz à tona as questões negativas que decorrem de um determinado sistema político, social e econômico. Ambas as formas de escrita tendem a levantar questionamentos ligados a sistemas sociais. Entretanto, a literatura distópica dá maior ênfase aos pontos que não são positivos e ainda deixa transparecer algumas de suas prováveis consequências no futuro (MARGUTTI, 2010, p. 79).

Ao contrapor essas duas vertentes da literatura, a autora procura demonstrar como a criação de lugares imaginários, pelas mãos dos escritores, pode assumir caminhos distintos e opostos. Na literatura utópica, a crítica à realidade ocorre por meio da projeção de um lugar supostamente perfeito para se viver. Na vertente distópica, o futuro projetado é apavorante, porque decorre do mergulho, sem filtros, nas problemáticas já presentes no real.

Passando da literatura para a história – e sem perder de vista o impulso utópico que inspira as idealizações urbanas – pretende-se indagar aqui a ambiguidade constitutiva da própria utopia: da mesma forma que contém a *eutopia* – *lugar bom, feliz e perfeito* –, não seria a utopia também a enunciação de uma *distopia*, na medida em que pretende

abolir o dissenso e suprimir o revolver constante do solo social, que conferem sentido ao viver em comum? Walmira Sodré Moraes adverte: “o espaço arquitetado simetricamente reflete muito mais que apenas uma forma espacial projetada pela ideia de perfeição. Esta mesma simetria geométrica pode também ser requerida dos habitantes da cidade utópica” (MORAES, 2011, p. 47). Sendo assim, a análise das projeções utópicas possibilitaria decodificar os aspectos distópicos que assombam o viver urbano, à maneira de um espelho invertido. Ao afirmar que a sociedade projetada pela utopia parece intolerável, Cioran contribui para a compreensão crítica da questão: “hostil à anomalia, ao disforme, ao irregular, [a utopia] tende para o fortalecimento do homogêneo, do modelo, da repetição e da ortodoxia. Mas a vida é ruptura, heresia, abolição das normas da matéria” (2011, p. 94). Nessa perspectiva, o pesadelo distópico encontra-se inscrito na própria utopia, à medida que esta, em sua obsessão pelo definitivo, pretende encerrar a história no *eterno presente* (CIORAN, 2011). Decorre daí, muito provavelmente, o aspecto claustrofóbico das cidades idealizadas – mais inibidoras que estimulantes do viver em comum, nas distintas versões em que emergem na história<sup>6</sup>. Utopias e distopias urbanas funcionam, pois, como espelhos que giram sem cessar. Não se trata de polos cartesianamente opostos, mas de territórios que se atravessam, num jogo ininterrupto – tornando ainda mais complexa e desafiadora a tessitura pulsante das cidades.

A complexidade desse jogo que nunca se interrompe pode ser percebida em dimensão mais profunda, quando se atenta para as *impressões* e *sentimentos* que, muitas vezes, assaltam os viventes comuns em face dos projetos utópicos/distópicos que ativam os imaginários urbanos. A esse respeito, faz-se relevante recuperar algumas observações feitas pela filósofa Alice Bitencourt Haddad, em análise sobre a pertinência ou não de se “falar em utopia no tempo e lugar dos textos platônicos” (2013, p. 200). Sem ignorar que o substantivo em questão foi cunhado no século XVI, a autora lembra que um adjetivo próximo ao termo moderno – *átomos* – era usado pelos gregos antigos para expressar *aquilo que está deslocado, fora de lugar*, referindo-se “a uma determinada realidade, seja ela atual (presente) ou possível (imaginada, suposta)” (HADDAD, 2013, p. 201).

A autora menciona diferentes situações em que o termo aparece nos diálogos escritos por Platão, destacando especialmente a narrativa de *Crítias* – personagem que conta a história da guerra entre Atenas e Atlântida. No decorrer do relato, o filósofo emprega a expressão *atopia* – *átomoi* – para se referir ao estranhamento e desconforto

<sup>6</sup> Ao abordar a participação dos *homens da lei*, na Era Moderna, na formulação das projeções denominadas utópicas, sejam cidades-países, sejam edificações arquitetônicas, Stella Bresciani registrou: “o princípio racional estruturante da contra-sociedade espelhada na ilha Utopia se aproxima de modo subliminar da racionalidade da idealizada projeção panóptica” (BRESCIANI, 2013, p. 182). Também Freitag frisara a relação: “alguns utopistas quiseram até mesmo controlar o sexo, fixando as idades em que os jovens estariam autorizados a praticá-lo, fixando-se, inclusive, quantas vezes por semana a relação sexual se poderia dar, entre outras regulamentações. Não é por acaso que as construções idealizadas pelos utopistas assemelhavam-se ao panóptico de Jeremy Bentham, que inspirou a arquitetura das fábricas e prisões futuras” (FREITAG, 2002, p. 4).

provocados pela descrição de uma *excelente e desconhecida* Atenas – que não poderia ter existido da forma como o narrador a apresenta. Em contraste com a pólis declinante do tempo de Platão, a remota Atenas – *nunca sabida, nunca vista* – revela-se *desconcertante e absurda*. Todavia, em decorrência de sua suposta “excelência política e física” (HADDAD, 2013, p. 209), a cidade narrada assemelha-se àquela “construída com o logos n’A República” (HADDAD, 2013, p. 205). Assim, para a autora, no diálogo em destaque, Platão aciona um *jogo de oposições* de forma tal que

[...] a atopia serve à utopia – se entendermos por utopia, grosso modo, a cidade imaginária idealizada, construída como alternativa a uma realidade que se quer criticar. No caso do *Critias*, os quadros a serem contemplados e comparados são dois: de um lado, a Atenas idealizada por Platão, utópica e atópica; e, de outro, a rica, poderosa e imperialista Atlântida, associada muito frequentemente e com justiça a Atenas histórica. Se a Atenas arcaica platônica é estranha, *átapos*, Atlântida, por sua vez, é muito familiar. E é por isso que ela é o contraexemplo, servindo de modelo vivo, porque ‘inscrito na história’, da organização política que não se quer porque fracassa, porque não se sustenta (HADDAD, 2013, p. 210, grifos da autora).

Intencionalmente, a estranha narrativa é apresentada como uma história verdadeira. Desse modo, recorrendo a associações e deslocamentos; inversões e projeções, para Haddad, o “filósofo pintor de cidades [...] reinventa o lugar do leitor [...] oferecendo [...] o modelo de uma pólis que ‘existiu’, uma cidade viva” (2013, p. 209) – a Atenas arcaica –, mas que fora destruída pela poderosa, porém distópica, Atlântida, cuja familiaridade com a Atenas existente salta aos olhos. Por esses procedimentos, ainda para a estudiosa, Platão “realiza uma intervenção tão radical na história da cidade, que parece pretender mudar a própria memória dos atenienses” (HADDAD, 2013, p. 210), a fim de projetar o futuro da cidade em outra constituição.

Independentemente da (in)verossimilhança entre a cidade descrita, a conhecida e a imaginada, além das intenções do filósofo de forjar a história de Atenas com o propósito de moldar uma sociedade ideal, importa aqui reiterar que a qualificação de *atópico*, conforme afirma Haddad, refere-se a “um estado de alma ou de espírito de desconcerto, ou de perplexidade, ou até de constrangimento [...], sendo, então, o adjetivo a expressão de uma impressão que remete mais ao estado do emissor do que à própria coisa” (2013, p. 201). Mergulhados numa confusão entre sonho e realidade, relativamente atordoados, “os personagens que afirmam algo como *átapos* vivem uma situação

de não reconhecimento daquilo que está se passando, ou da impossibilidade de entender, de explicar para si mesmo o que vê e/ou ouve” (HADDAD, 2013, p. 201-202).

Disso decorre a percepção de que a enunciação das utopias urbanas, por suas ambiguidades, extravagâncias e lampejos delirantes, pode tanto seduzir quanto provocar desconforto e perplexidade nos viventes das cidades, seja por “ignorância daquilo que se apresenta” (HADDAD, 2013, p. 202), seja por explícita recusa do que se percebe, no contraste entre a cidade vivida e a sonhada, como *atópico: insólito, absurdo* ou *descabido*.

## *Pulsações utópicas, distópicas e atópicas no interior do Brasil*

O espírito utópico de Tecla – e de seus incansáveis semeadores, cujos olhos buscam o infinito – pulsa, mais ou menos fortemente, em todas as cidades. Nos últimos vinte anos, o município de Frutal, localizado no Triângulo Mineiro, na bacia hidrográfica do rio Grande, foi palco de notáveis alterações em sua estrutura física, destacando-se o aparecimento de novos loteamentos, condomínios, bairros e a multiplicação de ruas e casas. Em grande parte, isso resultou de significativas modificações no campo, decorrentes da expansão de empresas de produção de açúcar e álcool, enquanto entraram em declínio formas produtivas tradicionais, sobretudo aquelas relacionadas às pastagens e à alimentação. Com isso, efetivaram-se de forma crescente a venda e o arrendamento de terras pertencentes a agricultores familiares para as usinas – processo conhecido por reforçar a concentração de terra e capital.

Com a expansão do emprego na produção sucroalcooleira, tornou-se constante a chegada de trabalhadores de outros estados e regiões. Muitos vieram como trabalhadores temporários para o corte da cana, mas permaneceram na cidade após a mecanização do processo produtivo, passando a se empregar em outros setores das próprias usinas ou, muito frequentemente, na construção civil.

Nesse cenário intensamente movimentado, sobressaíram-se, no campo educacional, iniciativas das elites econômicas e políticas – constituídas por empresários, proprietários rurais, deputados, prefeitos, vereadores – que resultaram no estabelecimento de instituições de educação superior. Verificou-se, assim, a abertura de uma unidade



7 “Em agosto de 2009, a Assembleia Legislativa de Minas Gerais aprovou o projeto de Lei 3.255/09, que cria a Fundação Centro Internacional de Capacitação e Pesquisa Aplicada em Água – HidroEX, dotada de autonomia administrativa e financeira e vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Dois meses depois, em 29 de outubro de 2009, a UNESCO anuncia a aprovação do HidroEX como Centro da Categoria II, por decisão unânime dos membros da sua Assembleia Geral Ordinária. Em 4 de novembro de 2009, é publicada a Lei nº 18.505 que institui a Fundação Centro Internacional de Capacitação, Educação e Pesquisa Aplicada em Água – HidroEX”. Disponível em: <http://www.hidroex.mg.gov.br/cidadao/nossa-historia>. Acesso em: 20 out. 2015. Por meio do credenciamento, o Hidroex passou a ser um dos vinte e dois Centros de Categoria II do Programa Hidrológico Internacional (PHI), coordenado pela UNESCO, que conta também com um Centro de Categoria I – UNESCO-IHE, Instituto de Educação para as Águas, localizado em Delft, na Holanda. Disponível em: <https://www.unesco-ihe.org/about-unesco-ihe>. Acesso em: 27 mar. 2017. Importante lembrar que os Centros de Categoria II referem-se a instituições que têm a chancela da UNESCO, mas apenas os Centros de Categoria I sofrem sua ingerência direta.

da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), ocorrida em julho de 2004, e da FAF, Faculdade Frutal – que entrou em funcionamento em 2005. A partir disso, a cidade começou a atrair jovens de outras localidades em busca de formação em nível superior, além de pesquisadores, professores e técnicos.

Numa espécie de culminância de vários atos políticos, ocorreu, em 2009, a instalação da Fundação Hidroex – Centro Internacional de Educação, Capacitação e Pesquisa Aplicada em Águas. A ação do governo de Minas Gerais, iniciada no mandato de Aécio Neves (2003-2010) e levada adiante por seu sucessor, Antônio Anastasia (2011-2014), trazia para Frutal o discurso da preocupação com os problemas ambientais, sobretudo os relacionados à chamada “crise hídrica”. Oficialmente, a iniciativa começara a ser concebida em 2007, pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SECTES-MG), ao delinear um amplo projeto de gestão de recursos hídricos, na perspectiva do desenvolvimento sustentável. Em junho do mesmo ano, o governo de Minas obteve credenciamento, na UNESCO, para criação de um Centro de Categoria II<sup>7</sup>. Para viabilizar a proposta, em conformidade com as condições estabelecidas pela agência internacional, começaram a ocorrer, em Frutal, investimentos em obras, equipamentos e treinamentos de técnicos. O governo do estado contou com parceria do governo federal, na forma do aporte de recursos provenientes do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCT). Na página oficial do UNESCO-Hidroex, na Internet, o objetivo da Fundação foi apresentado nos seguintes termos:

Contribuir com a solução da crise hídrica pujante que ameaça o mundo como um todo, com atuação focalizada na América Latina e na África Lusófona, ajudando a capacitar a nova geração de líderes do setor hídrico, garantindo, dessa forma, um porvir em que os recursos hídricos sejam compartilhados de forma equitativa e gerenciados num contexto sustentável.

A partir de 2010, a implantação do UNESCO-Hidroex passou a provocar repercussão ainda maior, em virtude do anúncio de que Frutal sediaria a construção de um complexo chamado *Cidade das Águas*, por meio do qual a cidade, pequena e interiorana, deveria se tornar referência internacional na preservação dos recursos hídricos e na formação de líderes para a gestão da água. Tratava-se de um projeto grandioso – de custo elevado –, que pretendia mobilizar pesquisadores e alunos de diferentes partes do mundo. Em material de divulgação veiculado pelo governo de Minas, quando da apresentação da criação do complexo, podia-se ler:

Em Frutal, Minas Gerais, Brasil, às margens do Rio Grande, está nascendo uma nova Cidade. Curiosamente, os modernos e sólidos edifícios desta cidade têm como alicerce um argumento forte o bastante para garantir que este projeto ganhe o mundo. Este alicerce chama-se água. Cidade das Águas da UNESCO. Este é o nome do arrojado projeto [...] que tem como objetivo criar um grande complexo educacional inteiramente voltado para as águas. As obras de implantação da Cidade das Águas estão a todo vapor. Esta proposta tem como fio condutor a presença, em Frutal, do Instituto UNESCO-Hidroex – Fundação Centro Internacional de Educação, Capacitação e Pesquisa Aplicada em Águas [...]. Todas as instituições presentes na Cidade das Águas da UNESCO têm como eixo central – e também como atribuição – a gestão, preservação e recuperação das águas, superficiais e subterrâneas, assim como a educação e formação de uma nova geração de líderes na gestão da água. [...] Os governos do Brasil e de Minas Gerais já investiram R\$ 50 milhões na consolidação física deste imenso conglomerado educacional e pretendem investir mais R\$ 80 milhões nos próximos dois anos, num total previsto de R\$ 130 milhões. Além de atender ao Brasil, a Cidade das Águas da UNESCO tem suas atividades voltadas também para a América Latina e a para África de Língua Portuguesa. Para abrigar estas instituições de ensino e pesquisa, a Cidade das Águas transformou-se em um imenso canteiro de obras, com a construção de salas de aula, alojamentos, laboratórios, restaurantes, auditórios, estruturas para ensino a distância, bibliotecas, estacionamentos, áreas para prática esportiva e de lazer. Parte dessas construções já está pronta. A Cidade das Águas da UNESCO nasce como um projeto arquitetônico na forma; e de educação, na alma. Uma cidade de tijolos, cimento e máquinas, erguida em torno de um objetivo comum e crucial para a preservação da vida: a preservação da água.<sup>8</sup>

**8** BRASIL cria Cidade das Águas. UNESCO-Hidroex. 24 dez. 2010. Criação Zeca Penido. Texto e produção Juliana Arantes. [Acervo pessoal da autora].

Para divulgar e legitimar as transformações projetadas pelo Hidroex, foram utilizadas expressões fortes e grandiosas. A linguagem grandiloquente objetivava traduzir a magnitude da iniciativa: *nova cidade; modernos e sólidos edifícios; que este projeto ganhe o mundo; grande complexo educacional inteiramente voltado para as águas; imenso canteiro de obras; nasce como um projeto arquitetônico na forma; e de educação, na alma*. Essa projeção reporta às pretensões comuns em algumas utopias urbanas modernas, em que as realizações físicas nascem monumentais por concepção, a exemplo de Brasília, para citar apenas um exemplo no Brasil.

No caso aqui analisado, a grandiosidade e arrojo enfatizados faziam subentender a enunciação de uma nova história para Frutal, sem pejo de remetê-la a uma projeção internacional, sinalizando a configuração de um novo imaginário na e da cidade. Recorrendo a um tema de apelo indiscutível na contemporaneidade – *água* – e reite-

rando a necessidade do *desenvolvimento sustentável*, noção fetiche nos debates ecológicos contemporâneos, as ações promovidas pelos grupos ocupantes do poder político e econômico em Frutal, e no estado de Minas Gerais, passaram a ser apresentadas aos moradores locais, de forma insistente, como a construção do *novo*. Nos discursos políticos e nas mensagens publicitárias, tornaram-se frequentes as declarações de *novo tempo; o futuro que chegou*.

9 Natural de Frutal, Narcio Rodrigues da Silveira iniciou a carreira de jornalista na cidade, em 1977, como repórter e colunista do *Jornal Esquema*, do qual se tornou diretor, no decênio seguinte. Em 1984, passou a editar o *Jornal do Campo*, com circulação no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Atuou também como “coeditor e apresentador do programa *Bom dia Triângulo*, da TV Triângulo, afiliada da Rede Globo em Uberlândia (1988); entrevistador do programa *Encontro com a imprensa*, da TV Paranaíba, afiliada da Rede Bandeirantes (1989), [...] diretor, apresentador e analista do programa *TV debate*, da mesma emissora (1992) [...]. Poeta, publicou *Manifesto um* (1978) e *Uma ave ameaça a solidão do céu* (1993)”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/narcio-rodrigues-da-silveira>. Acesso em: 27 mar. 2017. A partir de meados dos anos 1990, Silveira ingressou na política, elegendo-se deputado federal, pelo PSDB, para os seguintes mandatos: 1995-1998: 1º suplente; 1999-2002; 2003-2006; 2007-2010; 2011-2014, sendo que, no período de 2011 a 2014, licenciou-se do cargo para assumir a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais (SECTES-MG). Silveira também foi presidente do PSDB de Minas Gerais de 2004 a 2007 e de 2009 a 2011.

Em julho de 2012, o secretário de Ciência e Tecnologia, Narcio Rodrigues da Silveira<sup>9</sup>, apontado como idealizador do Hidroex, entregou à prefeitura o projeto urbanístico da Cidade das Águas, que traçava, também, diretrizes básicas para a reestruturação urbana de Frutal. O estudo elaborado pela equipe Lerner trazia recomendações para o Plano Diretor da Cidade, sugestões de paisagismo, estruturação viária, de transporte e de iluminação, além de um projeto específico de ciclovia que cortaria todo o espaço urbano. Na avaliação da então prefeita, Maria Cecília Borges (2005-2012): “Temos, de forma completa neste trabalho, a Frutal do futuro, aquela que sempre sonhamos”<sup>10</sup>.

Dada a complexidade do universo urbano e considerando que “materialidade, representação e imaginação não são mundos separados” (SÁNCHEZ, 2001, p. 35), a expressão “a Frutal [...] que sempre sonhamos” revelava-se mais que um recurso de linguagem para construir consenso a respeito do projeto que se apresentava ao público, quase às vésperas da eleição municipal. Sem negar esse aspecto, as palavras sussurravam nuances utópicas a pulsar nos imaginários da cidade. Essas nuances, inclusive, mostraram-se recorrentes em material de divulgação que circulou na região à época do lançamento do projeto. A Revista Foco Regional, por exemplo, trouxe a seguinte manchete estampada na capa: “Cidade das Águas – a concretização do impossível”.<sup>11</sup> Ao descrever o projeto arquitetônico, foram utilizadas expressões comuns às idealizações urbanas na modernidade:

A alameda oferece visão ampla de um jardim que se estende por cerca de três mil metros, ladeada por modernos edifícios, onde, no centro, entre árvores, corre um fio de água, condutor dos ideais representados pela Cidade das Águas [...] A concepção presente [...] irá mudar muito a visão que se tem de Frutal, e por que não dizer, a própria visão de mundo, filosofa o [...] idealizador do projeto.<sup>12</sup>

Entretanto, um clima de forte rivalidade política envolvia a construção em andamento, conforme admitido pelo próprio idealizador da proposta na entrevista mencionada. Ao responder se a maioria da população de Frutal apoiava os projetos implemen-

tados e se a Cidade das Águas não passava de sua *ilha da fantasia*, o então secretário de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior afirmara:

Diria que a maioria acredita e torce para que isso aconteça. Tem gente que pensa pequeno. Tem gente que não quer que isso aconteça e tem gente que só ganha se isso não acontecer. Mas todos esses, somados, – todos mesmo – formam uma insignificante minoria. [...] A Cidade das Águas UNESCO-Hidroex é um sonho que qualquer cidade da América Latina gostaria de realizar. [...] Frutal quer isso. Mesmo que alguns digam que não querem, a cidade quer porque sabe o quanto está ganhando em termos de importância e em termos de oportunidade. Então, isso seria ‘a ilha de uma fantasia’ que contaminou muita gente importante, de várias partes do mundo, das Nações Unidas... É delírio ou atividade visionária? Deixo a história responder por mim...<sup>13</sup>

A princípio, salta aos olhos o tom impositivo das palavras: “Frutal quer isso”. Outro trecho da fala do planejador, porém, merece uma análise mais acurada, pois sua própria tentativa de desqualificar os sujeitos divergentes deixa entrever a existência de uma oposição consistente: “tem gente que pensa pequeno/tem gente que não quer que isso aconteça”. “Pensar pequeno” remete à ideia de que “uma insignificante minoria” (?) mostrava-se incapaz de compreender o destino traçado para a cidade pelos grupos ocupantes do poder. Torna-se oportuno retomar aqui as observações de Alice Bitencourt Haddad, quando a autora afirma que algumas projeções supostamente visionárias podem ser consideradas *atópicas*, de fato, por “ignorância daquilo que se apresenta” (HADDAD, 2013, p. 202). Mas a impressão de *atopia* pode também representar uma explícita recusa do que se percebe, no contraste entre a cidade vivida e a sonhada, como *insólito*, *descabido* e *absurdo*.

O jogo ininterrupto das pulsações utópicas, distópicas e atópicas pôde ser percebido claramente em um episódio ocorrido em Frutal em 2011, quando diversos pesquisadores e autoridades do Brasil e de outros países compareceram à cidade para uma – entre as várias ocorridas – cerimônia de inauguração da Cidade das Águas. A solenidade foi planejada para ocorrer no anfiteatro da UEMG, sendo permitida a presença apenas de pessoas convidadas. Um grupo de estudantes e moradores organizou um ato, nomeado de “Inauguração Popular do Hidroex”. Ocupando parte da avenida que conduz ao local do evento, os manifestantes paravam os carros e interpelavam os convidados, questionando-os acerca do fato de terem sido excluídos da cerimônia e, inclusive, do acesso à própria universidade – cercada por forte esquema de segurança, enquanto

10 PROJETO urbanístico da Cidade das Águas está entre os mais arrojados do país. 17 jul. 2012. Disponível em: <http://agenciaminas.mg.gov.br/noticias/projeto-urbanistico-da-cidade-das-aguas-esta-entresmais-arrojados%2odo-pais/>. Acesso em: 20 out. 2016.

11 FRUTAL. Cidade das Águas: a concretização do impossível. *Foco Regional – Cidades*. Uberaba (MG), jun./2012.

12 O TRAÇO de Jaime Lerner. *Foco Regional – Cidades*. Uberaba (MG), jun./2012, s/p.

13 O QUE JK não fez em Diamantina, Narcio faz em Frutal. *Foco Regional – Cidades*. Uberaba (MG), jun./2012.



duraram as festividades. Um vídeo com imagens do protesto foi disponibilizado na Internet por participantes do movimento. Na abertura, pode-se ler:

O sol brilhava lá fora enquanto as estrelas eram iluminadas pelos refletores lá dentro. Estrelas que administram nossos impostos e que nos representam nos poderes executivo e legislativo. A Cidade das Águas foi inaugurada no complexo UEMG-Hidroex no dia 28/09 [...]. O evento contou com a presença do vice-governador do estado de Minas Gerais, com o ministro da educação, de representantes da UNESCO e muitos deputados, prefeitos, vereadores da região. Nesse dia, as aulas da UEMG foram canceladas para que pudesse ocorrer o evento no anfiteatro da universidade, e os alunos não tiveram acesso ao *campus*.<sup>14</sup>

Do ponto de vista oficial, os sujeitos presentes e as instituições por eles representadas conferiam credibilidade ao que se enunciava. Do ponto de vista dos sujeitos interditados, havia algo de obscuro na cerimônia fechada, cujo brilho não era natural, mas produzido por refletores, por luz artificial. Nesse sentido, o protesto comunicou muito fortemente que, ao contrário do que indicavam os discursos políticos e o *marketing* produzido sobre o projeto, os “modernos e sólidos edifícios” da nova cidade não estavam abertos para todos os moradores, ou nem todos os habitantes de Frutal tomavam parte da modernização em curso da mesma forma.

Além disso, no muro de uma residência situada próxima ao trajeto que leva ao local em que se construía a Cidade das Águas, foi grafitada a expressão *Hidro-EXclui* – obviamente, uma denúncia explícita da exclusão dos estudantes e moradores comuns da solenidade oficial. Um detalhe sutil, no entanto, tornava a crítica ainda mais contundente: o verbo “excluir” foi conjugado no tempo presente. Talvez estivesse ali registrada a percepção de uma condição de exclusão mais profunda e permanente a permear a relação dos cidadãos com o projeto em curso. “A Cidade das Águas – mostra a equipe Lerner – é toda Frutal”, dissera o planejador. Entretanto, no confronto entre a cidade vivida e a idealizada, pulsava fortemente a distopia de um viver urbano tecido por exclusões e interdições.

Na luta desenfreada por visibilidade, própria do capitalismo contemporâneo, as cidades são transformadas em mercadoria. Não se trata meramente de vender o espaço *nas* ou *das* cidades. Um processo complexo visa tornar as cidades, *elas mesmas*, vendáveis, consumíveis – tanto material quanto simbolicamente. Para alcançar esse objetivo, são empregadas estratégias e adotados procedimentos típicos de mercado, levando ao paroxismo a lógica da sociedade de consumo, que transforma tudo em ruína antes mesmo de ficar

<sup>14</sup> INAUGURAÇÃO popular do Hidroex. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qh6-WLndt4>. Acesso em: 19 mar. 2017.

pronto. Essa prática inerente ao capitalismo foi denunciada por Mumford, como também suas implicações para os sujeitos que se (des)fazem nas cidades:

[...] a própria cidade torna-se consumível, ou mesmo passível de ser gasta: o recipiente deve transformar-se tão rapidamente quanto o seu conteúdo. Este último imperativo abala a função precípua da cidade como agente da continuidade humana. A memória viva da cidade, que outrora ligava gerações e séculos, desaparece: vivem seus habitantes num contínuo auto-aniquilador, de momento a momento (MUMFORD, 1998, p. 588).

De certa forma, Frutal não escapou do avassalador processo de fabricação de ruínas urbanas. Na mesma velocidade com que seus viventes testemunharam a promessa da projeção internacional, viram o nome da cidade alcançar os noticiários e redes sociais do país em virtude da denúncia de desvio de recursos na construção da Cidade das Águas – operação que inclusive levou à prisão seu idealizador, o ex-presidente do PSDB de Minas Gerais<sup>15</sup>. Em setembro de 2016, foi publicada a extinção da Fundação Hidroex pelo governo estadual. Diante da iniciativa, um cronista da cidade registrou:

Publicação no Diário Oficial de Minas Gerais de hoje extinguiu definitivamente a existência da Fundação Unesco-HidroEX em Frutal. [...] A publicação da lei só vem para reforçar algo que desde o ano passado era debatido no Blog, de que o governo mineiro iria acabar com o HidroEX. Somado aos recentes escândalos envolvendo o nome da instituição, a extinção já era esperada por muitos. Resta saber como ficarão os prédios em obras semiacabados que existem por aqui.<sup>16</sup>

A despeito do fracasso do projeto e das incertezas quanto à destinação dos prédios inacabados, os viventes comuns do lugar seguem seus dias, escrevendo narrativas urbanas, individuais e coletivas, frequentemente invisíveis. Ao fundo, porém, inevitavelmente, ecoam as palavras de Silveira, anteriormente mencionadas: “É delírio ou atividade visionária? Deixo a história responder por mim...”.

## *Outro urbano é possível?*

Exercício de uma imaginação racionalizante – uma vez que as utopias não são apenas racionais, mas também operam no registro do desejo e dos afetos – o impulso utópico diz da capacidade (necessidade?) dos homens de projetar futuros alternativos. Desse modo, toda e qualquer cidade – incluindo Frutal – pode ser tomada na perspectiva da utopia, não apenas no sentido de um espaço modelado, mas também como

<sup>15</sup> “O ex-secretário de Ciência e Tecnologia do governo Antonio Anastasia e ex-presidente do PSDB de Minas Gerais Narcio Rodrigues (PSDB-MG) foi preso nesta segunda (30) na operação Aequalis, deflagrada pelo Ministério Público de Minas Gerais. [...] A operação investiga [...] esquema de desvio de recursos públicos envolvendo a construção e projetos da Cidade das Águas, desenvolvida pela Fundação Hidroex”. Cf. OPERAÇÃO prende ex-chefe do PSDB de Minas, aliado de Aécio e Anastasia. 30 mai. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1776292-operacao-em-mg-mira-esquema-que-teria-financiado-campanhas-tucanas.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2017.

<sup>16</sup> GOVERNO publica lei que extingue definitivamente o Hidroex. 20 set. 2016. Disponível em: <http://www.rodrigoportari.com.br/?p=14557>. Acesso em: 25 mar. 2017.

um “lugar de promessa. Promessa e esperança da realização de desejos” (PECHMAN, 2013, p. 141). Múltiplos, vibrantes e dissonantes desejos, diga-se de passagem, ao se considerar a diversidade dos sujeitos desejan-tes.

Tão habituados estamos com o universo urbano, que nem sempre estranhamos ou nos deixamos surpreender por aquilo que a cidade – construção histórica – tem de inusitada. A esse respeito, Emile Cioran apresenta indagação desconcertante, talvez por ser absolutamente elementar: “como, em um espaço tão reduzido, podem coexistir tantos homens sem destruir-se, sem odiar-se mortalmente?” (CIORAN, 2011, p. 89). O autor, em resposta provocativa, alega que, na verdade, os cidadãos se odeiam, como confirmam os abalos ocorridos nas cidades, mas, na maior parte do tempo, coabitam sem se despedaçarem uns aos outros de forma intensamente visível. A crítica intencionalmente ácida de Cioran, além de gerar desconforto, incita a perguntar: como a cidade persiste historicamente em meio aos tormentos distópicos do viver urbano? Talvez o olhar sensível de Robert Pechman ofereça pistas para se pensar a questão, justamente por vislumbrar a cidade como um lugar de

Promessa e esperança da realização de desejos [...] lugar histórico da promessa de realização da ‘civilitas’ (civildade, afabilidade) e da ‘urbanitas’ (urbanidade), a base da constituição da vida urbana e de convivialidade, fundadas nas redes de sociabilidade e de convivialidade, cujos começos remetem à *polis* grega (PECHMAN, 2013, p. 141).

Pechman lembra que a cidade possibilitou, historicamente, o desenvolvimento de uma vida coletiva, na qual o indivíduo encontrava abrigo e, ao mesmo tempo, percebia-se pertencendo e participando de uma coletividade. Desse modo, a cidade expressa “um desejo de sociabilidade, que se traduz na esperança de uma convivialidade possível, de proteção, de reconhecimento e de pertencimento” (PECHMAN, 2013, p. 14). Para Mumford, na Atenas clássica, a cidade ideal tornou-se visivelmente real, todavia “o mais elevado produto daquela experiência [histórica] não foi um novo tipo de cidade, mas um novo tipo de homem” (1998, p. 178): aquele que assumia para si os destinos da cidade.

Evidentemente que a urbe não pode ser pensada historicamente como uma entidade, tampouco os cidadãos podem ser compreendidos à revelia das cidades que constroem e que, ao mesmo tempo, os constituem. Somente por meio das relações sociais nelas estabelecidas é possível compreender seus sentidos – múltiplos – e sua significação histórica. Quando Pechman, evocando a perspectiva utópica, toma a cida-

de como lugar de promessa, ele se refere à ampliação do espaço social e à criação de novos vínculos entre os indivíduos, possibilitados por uma vida urbana que conferia sentido à sua existência no mundo. Tratava-se do “desejo de cidade e que dizia respeito ao imaginário da coletividade urbana” (PECHMAN, 2013, p. 142).

A modernidade, ao romper vínculos tradicionais e trazer à tona novas formas de subjetivação, tornou o viver urbano mais complexo, uma vez que abriu “espaço para que cada um [...] interpele [a cidade] não mais no uníssono coletivo, mas na voz individual” (PECHMAN, 2013, p. 142-143). Diante da explosão de vozes individuais, própria da contemporaneidade, seria ainda possível ver, viver e sonhar a cidade como espaço da convivialidade, da coexistência de diferentes atores e de múltiplas experiências sociais? Trazendo a discussão das utopias para a realidade urbana contemporânea, Carlos Bernardo Vainer (2003) afirma que, na esteira da ascensão dos movimentos sociais e do fortalecimento das organizações populares, ao fim do regime militar, teria havido, no Brasil, o vislumbre da cidade democrática. Movidos pelo impulso de que “outro urbano é possível”, os cidadãos teriam sido chamados à participação – aliás, a construir a si mesmos como cidadãos, na medida em que participavam dos rumos da cidade. Entretanto, essa concepção de direito à cidade deparou-se com a emergência, a partir dos anos 1990, do “modelo da cidade-empresa, da cidade-mercadoria [...]”. Produtividade e competitividade tornaram-se as principais qualidades a serem buscadas pelas cidades” (VAINER, 2003, p. 28).

Na concepção de cidade democrática, “o conflito [...] é desejado, pois é visto como elemento fundamental da transformação da cidade” (VAINER, 2003, p. 30). Na cidade-mercadoria prevalece a busca por visibilidade. Procura-se evitar o debate, ao mesmo tempo que se objetiva a criação de consensos sobre os projetos idealizados que, via de regra, almejam tornar invisíveis os sujeitos divergentes, erguendo muros e decretando interdições.

Assim, experiências históricas como a de Frutal e de outras cidades do Brasil, submetidas a projetos grandiosos e promissores, porém fracassados, parecem sugerir que as utopias deixaram de ser promessas de cidades libertárias, de vida emancipada das desigualdades e injustiças, para se tornarem discursos reduzidos aos propósitos dos mestres da produção de mercadorias e dos sonhos de consumo sem freios. Estariam, pois, os cidadãos contemporâneos condenados a tais assombros distópicos, ou outro urbano seria realmente possível?



## Referências

BRESCIANI, Maria Stella. A dimensão jurídica da conformação do território e da tipologia arquitetônica nas narrativas utópicas: Thomas More e Jeremy Bentham. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PETERLE, Patrícia. (Orgs.). *História e Arte: utopia, utopias*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 169-191.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

CAMPANELLA, Tommaso. *Cidade do sol*. Ciberfil Literatura Digital. jan. 2002. Disponível em: [http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Filosofia/Cidade\\_Sol\\_Campanella.pdf](http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Filosofia/Cidade_Sol_Campanella.pdf). Acesso em: 25 mar. 2017.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre a Utopia. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 60, n. esp., p. 7-12, jul. 2008. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci_arttext). Acesso em: 20 mar. 2017.

CIORAN, Emile M. *História e utopia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CRUZ, Leandro de Sousa. *Utopia e pragmatismo em cinco propostas de Habitação de Interesse Social no Brasil (1992-2012)*. 220f. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, Salvador, 2013.

FREITAG, Bárbara. *Utopias urbanas*. Brasília, 2002. Disponível em: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/01/freitag-bc3a1rbara-utopias-urbanas.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

HADDAD, Alice Bitencourt. A narrativa de Crítias, uma “atopia”. *Kléos*. n. 16/17, 2013. p. 199-213. Disponível em: <http://www.pragma.ifcs.ufjf.br/uploads/K16-AliceHaddad.pdf>. Acesso em 25 mar. 2017.

JEUDY, Henri-Pierre. O imaginário dos arquitetos. Conferência de Henri-Pierre Jeudy. Tradução Elane Ribeiro Peixoto. *Revista Urbana*. v. 4, n. 4, mar. 2012. p. 19-27. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635148/2961>. Acesso em: 14 mar. 2017.

LAURIOLA, Rosanna. Os gregos e a utopia: uma visão panorâmica através da literatura grega antiga. *Revista Espaço Acadêmico*. v. 9, n. 97, jun. de 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7222/4152>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MARGUTTI, Vivian Bernardes. *Peregrinos em busca: alegoria, utopia e distopia em Paul Auster, Nathaniel Hawthorne e John Bunyan*. Tese de Doutorado em Estudos

Literários – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MONTEIRO, Evandro Ziggiatti. Cidades invisíveis visitadas. Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. *Vitruvius*. Ano 8, jan. 2009. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas>. Acesso em: 2 mar. 2017.

MORAES, Walmira Sodré Austríaco. *A terra prometida que não vimos: o milenarismo utópico-distópico em Canaã, de Graça Aranha*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagem, Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Cuiabá: UFMT, 2011.

MORUS, Thomas. *Utopia*. O tratado da melhor forma do governo. Tradução de: Anah de Melo Franco. Brasília: Editora UnB, 2004.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PECHMAN, Robert Moses. Utopias e prazeres: dores e desejos na cidade. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PETERLE, Patrícia. (Orgs.). *História e Arte: utopia, utopias*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 141-167.

RICOEUR, Paul. *Ideologia e utopia*. Lisboa: Ed. 70, 1991.

ROUANET, Sergio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? *Revista USP*. n.15, 1992. p. 48-75.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista Sociologia Política*. Curitiba, n. 16, p.31-49, jun. 2001.

VAINER, Carlos Bernardo. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. 14., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Disponível em: [https://br.boell.org/sites/default/files/downloads/carlos\\_vainer\\_ippur\\_cidade\\_de\\_excecao\\_reflexoes\\_a\\_partir\\_do\\_rio\\_de\\_janeiro.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/downloads/carlos_vainer_ippur_cidade_de_excecao_reflexoes_a_partir_do_rio_de_janeiro.pdf). Acesso em: 10 mar. 2017.